

O Suicídio entre Jovens não Heterossexuais.

Thiago Nagafuchi

Rubens de Camargo Ferreira Adorno (orientador)

Introdução.

Entrei no doutorado em Saúde Pública em 2013 com a intenção de estudar o suicídio de jovens LGBT. Em início, planejava destacar a importância do tema por um viés sociológico, no máximo passando por conceitos de sexualidade que pudessem ajudar a compreender o complexo objeto de forma mais aprofundada.

O levantamento bibliográfico inicial, para a construção de um projeto de pesquisa para a seleção do doutorado, mostrou que, no Brasil, havia poucas pesquisas sobre o tema e muito menos ainda com um viés sociológico. A impressão é que restavam hipóteses e restavam dados epidemiológicos assumidamente subnotificados (pelos mais diversos motivos). O pouco número de pesquisas internacionais e programas específicos de prevenção do suicídio de jovens gays mostram, com preocupação, que, a despeito da quase impossibilidade da obtenção de dados, as probabilidades de jovens não-heterossexuais cometerem suicídio são até 7 vezes mais altas do que jovens heterossexuais.

Com o início da pesquisa, surgiram dois temas que me chamaram muito a atenção e que se tornaram os meus principais alvos teóricos para construção de um projeto: por um lado, tópicos teóricos específicos da Antropologia da Saúde (com um pouco, talvez, das antropologias das emoções): sofrimento social, violência e subjetividade e, por outro lado, algumas teorias antropológicas de Gênero: as normas (normalidades, normatividades, normatizações, regras, Leis, etc.) e as masculinidades hegemônicas.

Justificando o projeto de pesquisa.

O suicídio é o resultado de uma ação que tem por motivo a extinção da própria vida. Existe uma área de estudo dedicada ao tema que é chamada de Suicidologia e que relaciona os mais diversos conhecimentos, como Saúde Pública, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Medicina, etc. Dados evidenciam que o suicídio está entre as 10 maiores causas de morte no mundo. Embora o Brasil seja um dos países com menor taxa de suicídio por número de habitantes (que varia entre 4 e 6 por 100 mil habitantes, dependendo do estado), o país está entre os 10 países com maior taxa global de suicídios (pouco acima de 6000 por ano). (MELLO-SANTOS et al., 2005)

Pesquisas mostram que a taxa de suicídio entre pessoas jovens adultas com idades entre 15 e 44 anos tem aumentado nas últimas décadas. Em especial, no Brasil, de

acordo com estudo epidemiológico, o aumento das taxas de suicídio em pessoas de 15 a 24 anos aumentou 1900% no período de duas décadas. (LOVISI et al., 2009)

Na minha pesquisa, o suicídio será considerado como um fenômeno que envolve três circunstâncias, em que não existe uma relação determinística entre uma e outra, ou seja, não há relação causal entre elas com o ato suicida *per se*, embora é sabido que há uma relação probabilística: há a ideação suicida (pensamentos de morte e idealização de um ato suicida), tentativa de suicídio (ferimentos autoinfligidos, gestos suicidas, etc.) e o suicídio mesmo, que resulta na morte do indivíduo.

Em um primeiro levantamento bibliográfico, para a construção do projeto, não foram encontrados estudos em língua portuguesa do Brasil que relacionam diretamente o suicídio (incluem-se aí a ideação e a tentativa) às questões que envolvem o âmbito das orientações sexuais e identidades de gênero. Contudo, existem estudos em língua estrangeira que indicam que características ligadas à orientação sexual e a identidade de gênero se somam aos “fatores de risco” de suicídio, que pode ficar aumentado em até 7 vezes e, ainda, essas pesquisas são categóricas ao afirmarem que a taxa de suicídio entre jovens gays, lésbicas, bissexuais e transexuais é maior do que entre jovens heterossexuais. (VERDIER, FIRDION; 2003)

Outros estudos internacionais também mostram que as tentativas de suicídio da população jovem não heterossexual, assim como algumas taxas globais evidenciam, tende a ocorrer durante a adolescência e o começo da fase adulta. Alguns estudos mais específicos indicam que a intenção de morte e letalidade no ato suicida em jovens não-heterossexuais é maior que em jovens heterossexuais. (SUICIDE PREVENTION RESOURCE CENTER; 2008)

Dorais (2004) sugere que o suicídio de jovens não-heterossexuais pode ser melhor entendido e prevenido se o problema é primariamente construído e pensado enquanto um fenômeno social, porque, mesmo sendo um ato individual, o sujeito está inserido em um contexto cultural e de história de vida que estão presentes nas experiências vivenciadas por cada um. Para o autor, a homofobia é um dos grandes responsáveis do fenômeno.

Contudo, acredita-se que o número de suicídio e tentativa de suicídio nessa população seja subestimado, principalmente porque os dados de mortalidade não incluem a informação de orientação sexual (muito menos de identidade de gênero). Além disso, é impossível estimar com exatidão a taxa de suicídio da população não-heterossexual, principalmente da população mais jovem, porque muitas vezes essa informação é escondida ou, até mesmo, desconhecida, como, por exemplo, casos de suicídio que são considerados acidentes.

Dentro das Ciências Sociais, o suicídio foi tema tratado por Karl Marx e por Émile Durkheim. O primeiro, em seu estudo “*Peuchet: vom Selbstmord*” publicado em 1846,

definiu o suicídio como sintoma de lutas sociais generalizadas e da organização deficiente de uma sociedade doente (BANDO, 2008). O segundo, em seu estudo “*Le Suicide: étude de sociologie*”, de 1897, considerou o suicídio como um processo social, um fenômeno coletivo, sob a égide de fatores que agem sobre o conjunto de uma sociedade. A obra de Durkheim é o principal fundamentador do modelo sociológico.

Durkheim sugeriu a existência de quatro tipos principais de suicídio: o suicídio egoísta, em que o indivíduo tem um sentido de descolamento ou deslocamento frente a um todo social que, não fazendo parte dele, encontra razão para finalizar a própria vida; o suicídio altruísta, em que, contrário do anterior, o indivíduo se sente demasiado pertencente ao todo social, de forma que suicidar-se se faz dever ante a um fator social de um grupo ao qual o indivíduo pertence, como, e.g., os homens-bomba; o suicídio anômico, que toma sentido do termo anomia, que quer dizer ausência de regras sociais. A crise econômica é um exemplo desse caso, em que o caos gerado pela não-manutenção ou pela perturbação de um estado social normalizado, provoca um crescimento desse tipo de suicídio. Existe, ainda, o suicídio fatalista, em que o suicídio é uma forma do indivíduo fugir/escapar da regulação social, como, por exemplo, um escravo em uma sociedade escravocrata. (DURKHEIM, 1897)

Os modelos psicológico e nosológico são aqueles que possuem maior fundamentação teórica em termos quantitativos e clínicos em um levantamento bibliográfico. Contudo, diante da complexidade do tema, os pesquisadores tendem a considerá-lo a partir de elementos que não envolvem somente fatores biológicos, mas, também, em que importam fatores relacionados à história de vida pessoal e ao contexto sociocultural em que a pessoa está inserida.

Ao passo que o campo da sexualidade é considerado enquanto um dispositivo de controle e de poder institucional (FOUCAULT, 1988), é interessante investigar a complexidade das consonâncias entre as violências subjetivas e os sofrimentos sociais e, também, pensar o quanto esse campo está presente nos cursos de vida e no cotidiano. (BIEHL *et al.* 2007, DAS *et al.* 2000 e KLEINMAN *et al.* 1997)

Os sistemas de Sexo/Gênero.

O sistema de troca de mulheres, baseado no tabu do incesto, é um sistema de economia de sexo e de gênero. Para Vale de Almeida, esse tabu enfatiza as semelhanças e diferenças entre os sexos, de forma que os indivíduos são “engendrados” (construídos com uma identidade e feitos com um gênero). O autor afirma que, nesse processo, a heterossexualidade “pode ser vista como um processo instituído, e o tabu do incesto pressupõe um tabu anterior contra a homossexualidade”. (VALE DE ALMEIDA, 2000)

Rubin enfatiza que os textos feministas, por asseverarem uma heterossexualidade compulsória, relegam ao segundo plano as áreas das masculinidades e da

homossexualidade. Rubin esperava, então, que o movimento feminista devesse sonhar com algo maior que a eliminação da opressão das mulheres, que devesse sonhar também com a eliminação das sexualidades obrigatórias e dos papéis sociais compulsórios de gênero.

Partindo da crítica ao feminismo, Butler em seu *“Problemas de Gênero”*, questiona a unidade essencial do feminismo, perguntando o papel da mulher do feminismo, dizendo que ele tem que ser mais politizado. Ela questiona essa unidade dentro de uma matriz heterossexual, que universaliza e essencializa em uma mesma direção o sexo, o gênero, o desejo e a prática sexual.

A matriz heterossexual também é a base dos binarismos homem/mulher e masculino/feminino, ou seja, de um sistema que entende tanto o sexo quanto o gênero como dois pólos físicos opostos ou simetricamente diferentes. Se o corpo é entendido como contornos (ou fronteiras) que definem o próprio corpo e se configuram nas próprias margens, qualquer ultrapassagem dessas fronteiras é uma violação da matriz heterossexual, ou seja, isso pode se configurar como uma performance repetitiva na superfície do corpo que Butler denomina performatividade. Essas fronteiras delimitam que o gênero seja apreendido e repetido desde sempre em uma heteroconformatividade binária (sexo e gênero conformados). Exemplo de sua desconstrução é o *drag*.

Pensando o gênero como uma categoria (não-essencial e não-determinística, se possível) que pode ser independente da sexualidade, de acordo como uma configuração social da performatividade que surge uma proposta de uma teoria *queer* da própria Butler em seu texto *“Gender Regulations”*:

This form of reducing gender to sexuality has thus given way to two separate but overlapping concerns within contemporary queer theory. The first move is to separate sexuality from gender, so that to have a gender does not presuppose that one engages sexual practices in any particular way, and to engage in a given sexual practice, anal sex, for instance does not presuppose that one is a given gender. The second and related move within queer theory is to argue that gender is not reducible to hierarchical heterosexuality, that it takes different forms when contextualized by queer sexualities, indeed, that it's binariness cannot be taken for granted outside the heterosexual frame, that gender itself is internally unstable, that transgendered lives are evidence of the breakdown of any lines of causal determinism between sexuality and gender. (BUTLER, 2004)

Ou seja, imagino que pensar em sexualidades e em gêneros *queers* em coisas distintas (separadas, mas não diferentes) é a chave essencial para entender a teoria *queer*. Assim, não só posso aplicar à pesquisa o entendimento contemporâneo de que desejo

e gênero não são nem têm uma direção comum e, muito menos, se reduzem ao binarismo homem/mulher ou ao binarismo masculino/feminino tampouco ao binarismo hetero/homo.

Outro ponto crucial para a construção da parte teórica da minha pesquisa, é a ideia de norma trazida por Butler. Ela traz a noção foucaultiana de que o poder regulatório não somente atua sobre o sujeito, como também o modela e o forma e de que, ser sujeito para uma regulação é se tornar sujeitoado/subjetivado por ela, ou seja, ser um sujeito precisamente por estar sendo regulado. Mais ainda, os discursos que formam os sujeitos engendrados são exatamente aqueles que determinam os sujeitos em questão.

É interessante observar como Butler constrói sua ideia de gênero como uma norma¹: “uma norma não é a mesma coisa que uma regra e, também, não é a mesma coisa que uma lei: a norma opera dentro de práticas sociais como o padrão implícito da *normalização*.” (BUTLER, 2004, tradução minha, *itálico da autora*). Assim, mesmo que a norma seja aparentemente invisível ou imperceptível, ela garante um grau social de inteligibilidade que nos faz pensar que estar fora da norma é, ainda, estar sob sua medida. Por exemplo, ser “bem masculino” depende do que é entendido como o que é ser masculino.

Assim, de acordo com a autora, o discurso de gênero baseado no binarismo homem/mulher é um poder regulatório que naturaliza os modelos hegemônicos e encerram a reflexão sobre a ultrapassagem desses modelos. Assim, de certa perspectiva, acredito eu, por serem esses modelos as únicas possibilidades desses discursos e, também, por serem determinadamente heterossexuais, as normas de gênero também *normatizam* as sexualidades².

Sofrimento Social, Violência e Subjetividade.

Quer agora mostrar como pretendo ligar a parte da Antropologia da Saúde que une as noções de violência, sofrimento e subjetividade e as teorias *queer* e de gênero. De acordo com Das e Kleinman (1997), o sofrimento social são danos devastadores que a força social pode infligir na experiência humana.

Essa “força social” pode ser única ou mutuamente erigida das esferas da economia, da política ou de outros poderes institucionais como a Medicina ou o Direito. Assim, o sofrimento social pode estar tanto em uma cena explícita de violência do Estado, como

¹ Embora não desenvolva nos textos seguintes do livro. Dessa forma, fico pensando em qual direção posso pensar melhor a construção de uma normatividade sexual e de gênero (que talvez pudesse ser pensada como uma heteronormatividade hegemônica).

² Aqui é justamente onde eu pretendo suspender as ideias. Em construindo melhor a noção de normas e suas relações com regras, normalidades, normatividades, leis, etc, pretendo não me descolar completamente dos estudos de sexualidades e, acho, que a principal ligação entre esses dois pontos seja a Teoria Queer.

no Holocausto, como também implicitamente na *soft knife* da vida cotidiana – enquanto processo de rotina da opressão ordinária –, amparado em uma paisagem burocrática de saúde, bem-estar social e agências legais.

Um exemplo de sofrimento social e violência é a patologização do transgênero enquanto um transtorno de disforia de gênero no DSM³. Em uma mão dupla em que obriga um diagnóstico para a mudança de sexo e que tem em sua base uma clara definição de que somente os dois gêneros pressupostos são “saudáveis”, é uma clara demonstração de como um poder institucional (a Medicina, no caso) pode agir nas esferas pessoais e subjetivas individuais. Se, por um lado alguém tem que se reconhecer “doente” (em um gênero não-conformado), por outro lado, depende que essa “doença” seja legitimada pelo Estado (e pela Medicina, enquanto instituição) para conseguir uma cirurgia de mudança de sexo, como em nosso Sistema Único de Saúde (SUS) que oferece a cirurgia MTF (*male to female*, em inglês) gratuitamente – mas não sem antes colocar o sujeito à prova.

Butler, em seu *Undoing Gender*, conta o caso de David/Brenda que, quando criança teve o pênis acidentalmente destruído e, à época como se acreditava que o gênero poderia ser apre(e)ndido pela criança, acabou sendo cirurgicamente “transformado em uma menina”. Em sua adolescência, ciente de que se considerava e que sempre fora um menino, passou por outra cirurgia que o “reparou” novamente a um corpo masculino. Mais tarde, em uma nota *post scriptum*, Butler revelou que (então) David cometera suicídio:

It seems clear (...) that there was always a question posed for him, and by him, whether life in his gender would be survivable. It is unclear whether it was his gender that was the problem, or the ‘treatment’ that brought about an enduring suffering for him. The norms governing what it is to be worthy, recognizable, and sustainable human life clearly did not support his life in any continuous or solid way. Life for him was always a wager and a risk, a courageous and fragile accomplishment. (BUTLER, 2004)

É dessa forma que eu pretendo fazer o link entre as teorias de gênero e os estudos ligados à antropologia crítica da saúde com a minha pesquisa sobre suicídio de jovens não-heterossexuais. Muito tenho muito a desenvolver nessa área e muito buscar, pela minha etnografia, o quanto essas normas de gênero (e as heteronormatividades) influenciam sobremaneira nos cursos de vida por meio de uma imposição (seja pelo Estado ou outras instituições como a Medicina) que atinge diretamente a subjetividade de um indivíduo, enquanto este está se construindo e sendo construído

³ DSM é a sigla para o inglês *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, o mesmo que em sua primeira edição de 1973 diagnosticava a homossexualidade como doença e que, em sua segunda edição de 1987 ainda persistia em uma classificação da homossexualidade egodistônica como um transtorno e que, ainda, em sua quinta edição, deste ano, mantém a disforia de gênero.

pela pergunta “o que é ser um/uma jovem homem/mulher/trans não heterossexual em nossa sociedade?”.

À procura de uma metodologia.

A minha intenção é construir uma etnografia⁴ a partir dos cursos de vida de uma pessoa que se considera homossexual e tentou suicídio duas vezes em sua vida, sendo que ele atribui à segunda tentativa um peso maior de sua sexualidade. Segue um trecho do diário:

“A segunda tentativa, algo em torno do primeiro semestre de 2011, aos 22 anos, foi mais consciente. Foi mais intencional, foi mais programada em seus métodos, mas inesperada em suas ações. Ele me contou que tinha um relacionamento à época, um homem 9 anos mais velho, mas mais jovem de espírito e “imaturado”, em seu dizer. O relacionamento de 8 meses não ia muito bem, era mais sofrimento que afetividade. No dia da tentativa, ele me contou que brigou com a chefe e, provavelmente não seja um dos gatilhos, mas surgiu em seu discurso. Não se sentindo bem, decidiu ir até a casa do parceiro, da qual tinha uma cópia das chaves, mas não o encontrou por lá. Tentou ligar diversas vezes e ele deu “um perdido”. A mãe ligou várias vezes, mas ele não quis atender. Saiu pelas ruas, sentou em um ponto de ônibus para voltar para casa: antes de tomar a condução, decidiu tomar uma cartela de Sibutramina e uma de Fluoxetina.

Entrou no ônibus, começou a passar mal, começou a ter fortes dores de cabeça, começou a deixar de sentir o próprio corpo. Além das dores que ficaram gravadas na memória, ele lembra de ter conseguido ligar para o pai e avisar onde estava. Seu pai foi buscá-lo e chamou uma ambulância. Lavagem estomacal, líquido azul, mãe desconfiou que fora uma tentativa de suicídio. Mãe descobriu que sim e descobriu que seu amigo era também namorado. Que se nos parece um erro de concordância, é porque caímos no campo de uma sexualidade desviante. Um dia na UTI, dois dias de internação, dois dias de observação; cinco dias sem muita memória porque foram dias dopados. Foi assim que a mãe descobriu que não só tinha um filho potencialmente suicida, como também tinha um filho homossexual, que caíra nas urdiduras que restam entre pecados e desejos incongruentes.”

Ele descreveu o medo que tinha de sua mãe descobrir sua sexualidade, porque ela é muito religiosa, e que, desde o episódio da tentativa de suicídio, nunca conversaram sobre o assunto. Ele trouxe muito à tona o fato de ter tido uma criação essencialmente religiosa. Chegou a ser professor de catequese na igreja católica que sua família

⁴ Por enquanto, conto com um informante. Tenho mais dois que toparam realizar a pesquisa, mas, ainda estou em dúvida se os incluo na etnografia.

frequentava, mas que deixou de ir quando suas ideias não mais coadunavam com o teor conservador da igreja.

Como a pesquisa está muito no começo ainda, não tenho muitos dados para explorar mais as questões de gênero do que as questões de sexualidade, que, de certo modo, parecem autoevidentes tanto para mim quanto para o meu informante. Confesso, em parte por conta da ligação doxástica entre sexo e gênero que eu tinha antes de começar a pesquisa e me encher de perguntas: parecia óbvia a ligação entre sexo e gênero; seria impossível pensar no desejo, simplificando muito a sexualidade, e no “sexo biológico”, simplificando muito o gênero.

Nesse momento, a questão parece me forçar a explorar mais o quanto, por exemplo, meu informante está inserido em um sistema de masculinidade hegemônica que, tanto para ele quanto para mim, é invisível, mas é um fator determinante quando pensamos em suas subjetividades. É importante entender como se dá a experiência humana quando levamos em consideração a genealogia do sujeito moderno, que está em contato com as mais diversas variedades de formas contemporâneas de vida, possibilidades de violência e insegurança e formas políticas e ideológicas de dominação. (BIEHL *et al.*, 2007)

Pensar no suicídio como uma injustiça social muitas vezes implica aceitar que muitas pessoas vivendo às margens vislumbram um caminho pré-definido de falta de esperança e perspectiva. É importante assimilar que aspectos como diferenças históricas e culturais influenciam na construção do que é ser um ser humano, diferenças transculturais de cognição, afeição e ação e as particularidades de cada indivíduo, como aspectos que atuam diretamente em suas subjetividades.

Assim, de acordo com Biehl *et al.* (2007), a subjetividade é a base na qual se coalescem longas séries de mudanças históricas e aparatos morais, que transformam as criações de novos tipos de desejo que perpassam os interesses comerciais para estruturar novas formas de sentir e viver, que por suas vezes, mudam o mundo. De todo modo, aparte de ser uma estratégia de existência, a subjetividade também é o meio e o material governamental de instituições como o Estado, a Ciência/Tecnologia ou a Medicina. Dessa forma, o gênero não pode ser entendido como um instrumento de controle?

Tenho em mente dois modelos etnográficos que pretendo seguir: a *Senhores de Si*, do Miguel Vale de Almeida e a *Life and Words*, da Veena Das. A primeira, pela questão da investigação das homossociabilidades, porque acompanhei meu informante durante algumas de suas interações sociais, e a segunda porque a antropóloga muitas vezes retira as informações a partir das vozes não ditas.

Pela leitura do *Life and Words*, vemos como alguns assuntos são difíceis de falar. No momento, me vem à lembrança a minha conversa inicial com meu informante, em que

ele me contou sobre seus dois episódios de tentativa de suicídio. Estivera eu resiliente sobre o fato de que tentaria levar a conversa da forma mais neutra possível – mais impessoal possível. Porém, não foi fácil. É um assunto pesado e extremamente pessoal; naquele momento só podia imaginar a coragem do informante de falar abertamente para um desconhecido sobre tal assunto.

O pior foi o momento de escrever o diário: senti um mal-estar, senti o peso do mundo e o peso da minha pesquisa e o peso de tentar entender como o gênero e a sexualidade ainda geram tamanho sofrimento que levam pessoas a cometerem suicídio. Doeu porque eu não tenho soluções e nem palavras que possam descrever ou mensurar o que é indescritível e imensurável⁵. Dessa forma, talvez doa menos procurar a voz do cotidiano como fez Veena Das.

Outro lugar em que eu busco informações são as redes sociais da internet, porque meu informante tem uma *vida virtual* bastante ativa e é uma forma também de buscar suas vozes ditas e não ditas. Buscar as vozes que não escapam, mas se entranham no ordinário, no cotidiano. Talvez eu não queira simplesmente narrar um momento de horror, mas capturar como esse momento (no meu caso, a tentativa de suicídio) ecoa ainda no dia-a-dia do meu informante, o quanto ele ainda acredita que não tem mais o desejo de se matar, mas não se dá conta que um discurso suicida está ainda em sua voz dita ou não dita, falada ou não falada⁶. Ou como Das diz ao descrever o terror vivido por seus informantes: “My thought was perhaps they had speech but not voice”. (p. 8)

E nesse momento, me interessa muito o conceito que Das constrói para o que ela considera como sendo uma voz: a voz não é simplesmente a linguagem, a palavra, pois esta pode se tornar vazia de experiência, pode perder o toque com a vida.

Das utiliza a metáfora dos tentáculos do evento de violência alcançando a todos na vida cotidiana e que isso os mantém, de alguma forma, presos aos eventos violentos. Dessa forma ela acredita que os limites entre o ordinário e o eventual estão desenhados na falha da gramática do ordinário. Fazendo um paralelo com o meu caso, é na falha da gramática ao descrever os eventos de tentativa de suicídio que mais se revela seu potencial suicida. É no não-dizer dizendo rotineiro que observamos sua intencionalidade.

⁵ Isso ficou claro para mim quando uma amiga me procurou porque seu filho, declaradamente homossexual, de 14 anos, estava ameaçando se matar: não existem respostas prontas. Se para mim a falta de resposta já foi algo doloroso, nem posso imaginar o quanto, para ela, sua falta de resposta diante da situação configura um tremendo sofrimento.

⁶ Mais que “copiar” uma metodologia da Veena Das, sinto que ainda devo pensar em uma transposição que não só me faça sentido, mas faça sentido para a minha pesquisa: o horror e a violência de que ela trata pode não ser em nada parecidos com a violência do episódio de tentativa de suicídio. Em tempo: considero o suicídio (ou uma tentativa) um ato extremamente violento, mas devemos considerar e relativizar o quanto cada “tipo” de violência pode interferir nas construções das subjetividades.

Do lado do Miguel Vale de Almeida, tenho particular interesse no que ele denominou de masculinidade hegemônica, que ele descreve não como “o papel” masculino, mas como uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades (p.149). Vale de Almeida traz a compreensão de Bourdieu sobre a dominação masculina, que não se refere a uma ideologia:

se as práticas rituais e os discursos míticos legitimam, o seu princípio não é porém a intenção de legitimar. Talvez por isso a visão dominante se exprima também nos objectos e práticas da vida material: na estrutura do espaço, nas divisões interiores da casa, na organização do tempo, nas práticas tanto técnicas como rituais do corpo, posturas, maneiras. Trata-se de um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de acção que, graças à concordância entre as estruturas objectivas e as cognitivas, gera a ‘atitude natural’ da experiência dóxica. (p.150)

Assim, faz-se uma alternativa etnográfica para mim, tentar entender a forma como o gênero e suas normatividades (normas) atuam nas experiências de vida do meu informante. Tenho total interesse em entendê-lo não somente como um indivíduo descolado do mundo, mas como um ser social que constrói suas experiências de vida por meio de sociabilidades (reais e virtuais). Digo isso por que em algumas vezes que o acompanhei com outras pessoas ou em suas atividades nas redes sociais, o discurso suicida aparecia constantemente como forma de iniciar alguma interação, mesmo que fosse somente uma chacota⁷.

Enfins.

Percebo o quanto esse tema pode ser importante para inserir o assunto na agenda de discussões tanto da Saúde Pública quanto dos movimentos sociais LGBT; talvez por ser um campo minado, que carece de pesquisas e reflexões. Precisamos entender a complexidade do assunto para pensarmos em metodologias de prevenção de suicídio de uma população já tão estigmatizada.

Se pouco já se discute na academia (até mesmo internacionalmente) sobre o suicídio de jovens não-heterossexuais, muito menos se faz esse arco social antropológico sobre as possíveis problematizações e interseções e dos interstícios tanto do suicídio quanto do gênero ou da sexualidade.

⁷ Como quase tudo na minha pesquisa, esse ponto precisa ser melhor desenvolvido também. Formado no curso de Farmácia, o informante sempre mantém brincadeiras com substâncias psicoativas em seu discurso (como antidepressivos e ansiolíticos) e, por mais de uma vez, já “brincou” dizendo que “iria ali” tomar uma cartela, significando que a vida não está muito legal. Essas “brincadeiras”, no entanto, surgem em interações sociais, seja em um grupo de rapazes, seja em seu *Twitter*. Esse grupo de rapazes, tanto no real quanto no virtual, é basicamente sempre o mesmo.

Bibliografia utilizada

BANDO, D.H., Padrões espaciais do suicídio na cidade de São Paulo e seus correlatos socioeconômico-culturais. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2008.

BIEHL, J., GOOD, B., KLEINMAN, A.; Subjectivity: Ethnographic Investigations; Berkeley: University of California Press.

BUTLER, J.; Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J.; Undoing Gender, Routledge: Great Britain, 2004.

DAS, V.; Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary, Berkeley: University of California Press, 2007.

DAS, V.; KLEINMAN, A.; RAMPHELE, M.; REYNOLDS, P.; Violence and Subjectivity, Berkeley: University of California Press, 2000.

DORAIS, M., Dead boys can't dance: sexual orientation, masculinity, and suicide, Montreal: McGill-Queen's University Press, 2004.

DURKHEIM, E.; Le Suicide: Études de Sociologie, França: Félix Alcan, 1897 (eBook disponível em <http://www.gutenberg.org/cache/epub/40489/pg40489.html>)

FOUCAULT, M.; História da Sexualidade I: A Vontade de Saber, trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

KLEINMAN, A.; DAS, V.; LOCK, M.; Social Suffering, Berkeley: University of California Press, 1997.

LOVISI, G.M.; SANTOS, S.A.; LEGAY, L.; ABELHA, L.; VALENCIA, E.; Análise Epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. Revista Brasileira de Psiquiatria, 31 (Supl. II), 86-93, 2009.

MELLO-SANTOS, C.; BERTOLETE, J.M.; WANG, Y-P., Epidemiology of Suicide in Brazil (1980 – 2000): characterization of age and gender rates of suicide, Revista Brasileira de Psiquiatria, 27 (2), 131-4, 2005.

MINAYO, M.C.S.; Suicídio: violência auto-inflingida. In: Impactos da Violência na Saúde dos Brasileiros, Ministério da Saúde, Brasília, 2005.

MINOIS, G.; History of Suicide: Voluntary Death in Western Culture, Baltimore: The John Hopkins University Press.

RUBIN, G.; Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality, In: Vance, C. (ed.) Pleasure and Danger, Routledge, 1984.

SUICIDE PREVENTION CENTER, Suicide risk and prevention for lesbian, gay, bisexual and transgender youth, MA, USA: Education Development Center, Inc., 2008.

TEIXEIRA-FILHO, F.S.; RONDINI, C.A.; BESSA, J.C.; Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista, Educação e Pesquisa, 37(4), 725-742, São Paulo, 2011.

VALE DE ALMEIDA, M.; Senhores de Si, Portugal: Fim de Século, 2000.

VERDIER, E.; FIRDION, J-M.; Homosexualités et suicide, França: H&O Editions, 2003.